



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

GIANNINI FERREIRA DE FREITAS SILVA

A POPULAÇÃO TRANSGÊNERO NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: DESAFIOS

MOSSORÓ-RN

2018

GIANNINI FERREIRA DE FREITAS SILVA

A POPULAÇÃO TRANSGÊNERO NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: DESAFIOS

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Campus Mossoró como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Ciência e Tecnologia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Jacqueline Cunha de Vasconcelos Martins – UFERSA - CCAH

MOSSORÓ-RN

2018

GIANNINI FERREIRA DE FREITAS SILVA

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

SS586 Silva, Giannini Ferreira de Freitas.
p A POPULAÇÃO TRANSGÊNERO NO AMBIENTE
UNIVERSITÁRIO: DESAFIOS / Giannini Ferreira de
Freitas Silva. - 2018.
45 f. : il.

Orientadora: Jacqueline Cunha de Vasconcelos
Martins.

Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Ciência e
Tecnologia, 2018.

1. Educação. 2. Ensino Superior. 3.
Transgêneros. 4. Inclusão. 5. Permanência. I.
Martins, Jacqueline Cunha de Vasconcelos ,
orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.



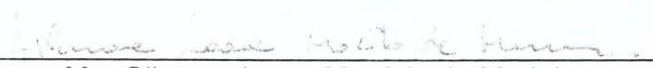
**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – UFERSA
CENTRO CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS – CCSAH
DEPARTAMENTO E CIÊNCIAS HUMANAS – DCH**

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

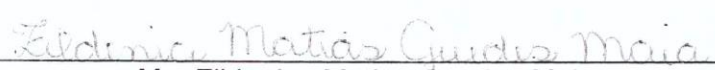
01 Aos quatro dias do mês de abril do ano dois mil e dezoito, às oito horas, na
02 Universidade Federal Rural do Semi-Árido – Campus Mossoró, no
03 auditório do Centro de Engenharias, foi instituída a Banca Examinadora da
04 Monografia intitulada **“A POPULAÇÃO TRANSGÊNERO NO AMBIENTE
05 UNIVERSITÁRIO: DESAFIOS”**, de autoria do discente **GIANNINI
06 FERREIRA DE FREITAS SILVA**. O referido Trabalho de Conclusão de
07 Curso é parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em
08 Ciência e Tecnologia no Curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia
09 da UFERSA. A Banca Examinadora foi presidida pela Orientadora Prof^a.
10 Ma. **Jacqueline Cunha de Vasconcelos Martins** (UFERSA-DCH) e teve
11 como membros examinadores a Prof^a. Ma. **Gilmara Joane Macêdo de
12 Medeiros** (UFERSA-DCSA) e a Prof^a Ma. **Zildenice Matias Guedes Maia**
13 (UFRN). Após a apresentação da Monografia pelo discente, as professoras
14 avaliadoras fizeram suas intervenções e o discente foi considerado
15 **Aprovado**, com média **9,0**. Nada mais havendo a tratar, eu, **Jacqueline
16 Cunha de Vasconcelos Martins**, lavrei esta Ata, assinada por mim e
17 pelas demais integrantes da Banca Examinadora. Mossoró-RN, 04 de abril
18 de 2018.



Ma. Jacqueline Cunha de Vasconcelos Martins
Orientadora – UFERSA-DCH



Ma. Gilmara Joane Macêdo de Medeiros
Examinadora – UFERSA-DCSA



Ma. Zildenice Matias Guedes Maia
Examinadora – Doutoranda UFRN

A POPULAÇÃO TRANSGÊNERO NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: DESAFIOS

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Campus Mossoró como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Ciência e Tecnologia.

APROVADA EM: 04/04/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Ma. Jacqueline Cunha de Vasconcelos Martins
Orientadora – UFERSA-CCAH

Prof^ª. Ma. Gilmara Joane Macêdo de Medeiros
Examinadora – UFERSA-CCAH

Prof^ª. Zildenice Matias Guedes
Examinadora – UFRN

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me ajudado a todo o momento.

Agradeço aos meus pais, especialmente a minha mãe.

Agradeço a minha orientadora por todos os momentos de ensinamentos, e a minha coordenadora Gilmara, cujos ensinamentos foram essenciais para realização deste projeto.

Agradeço aos meus melhores amigos, Gilson e Carol por sempre estarem presente e me ajudando.

Agradeço a minha namorada por ter me ajudado em inúmeros momentos.

Em especial agradeço a todo o Centro de Referência em Direitos Humanos que esteve presente em todo o momento na construção dessa monografia.

RESUMO

A educação é um direito humano fundamental previsto em nossa Constituição Federal, que deve ser de garantia universal, isto é, para todas as pessoas, independentemente de classe, raça, identidade de gênero ou sexualidade. No entanto, apesar deste mandamento, as pessoas transgênero enfrentam grandes dificuldades de permanência e acesso ao ensino superior, sendo sua presença nessas instituições ainda bastante reduzida. Com base nisso, o presente trabalho busca compreender quais as dificuldades que elas enfrentam para ter acesso ao ensino superior, bem como, quais entraves e empecilhos atravessam quando se encontram nas universidades. Por esta razão, o recurso metodológico utilizado para coleta de dados foi um questionário direcionado às pessoas transgênero da UFRSA e para aquelas que não se encontram no ensino superior. Como a quantidade de pessoas estudantes transgênero dentro da instituição pesquisada é pequena e, partindo-se do pressuposto de que o preconceito e a discriminação é um dos principais entraves para sua permanência, optou-se também por aplicar questionários com os(as) estudantes cisgênero da instituição, para compreender suas percepções sobre a presença de pessoas transgênero nas universidades. A pesquisa teve relevantes conclusões que indicam desafios para o ingresso no ensino superior, uma vez que as pessoas transgênero são fortemente marginalizadas em nossa sociedade, que vão desde o preconceito e à discriminação, ao desemprego e à baixa expectativa de vida em razão da transfobia. Por outro lado, percebeu-se um forte preconceito e desconhecimento sobre a transgeneridade por parte dos e das estudantes cisgênero da instituição. A pesquisa também avalia os desafios que as pessoas transgênero enfrentam no dia a dia da UFRSA, tais como a discriminação, olhares, piadas transfóbicas, dentre outros.

Palavras Chave: Educação; Ensino Superior; Transgêneros; Inclusão e Permanência.

ABSTRACT

Education is a fundamental human right fixed in our Federal Constitution, which must be a universal guarantee, that means, for all people, regardless of class, race, gender identity or sexuality. However, despite this commandment, transgender people face huge difficulty in staying and access to higher education, and their presence in these institutions is still greatly reduced. Based on this, the present work seeks to understand the difficulties they face in accessing higher education, as well as what obstacles they encounter when they are in universities. For this reason, the methodological resource used for data collection was a questionnaire directed to the transgender people of UFERSA and to those that are not in higher education. As the number of transgender students within the researched institution is small and, based on the assumption that prejudice and discrimination is one of the main obstacles to their permanence, it was also decided to apply questionnaires with the cisgender students to understand their perceptions about the presence of transgender people in universities. The research had relevant conclusions that indicate challenges for entering higher education, since the transgender people are strongly marginalized in our society, ranging from prejudice and discrimination, unemployment and low life expectancy due to transphobia. On the other hand, there was a strong prejudice and lack of knowledge coming from cisgender students about transgender people. The research also assesses the challenges that transgender people face in everyday life at UFERSA, such as discrimination, looks, transphobic jokes, among others

Key words: Education; Higher education; Transgender; Inclusion and Permanence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros

LGBT

Trangênero

TRANS

Cisgênero

CIS

Universidade Federal Rural do Semi Árido

UFERSA

Rio Grande do Norte

RN

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1. Algumas considerações sobre gênero e transgeneridade.....	12
1.2. Sexo, Gênero, Identidade de Gênero e Sexualidade.....	15
1.3. Transgêneros, transexuais e pessoas cis.....	17
2. METODOLOGIA	20
2.1. Classificação da pesquisa	20
2.2 Universo da pesquisa	20
2.3 Técnicas para obtenção dos dados	21
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
3.1. Os e as estudantes Cisgênero da UFRSA	22
3.2. Os e as estudantes transgênero da UFRSA.....	28
3.3. As pessoas transgênero fora da UFRSA: expectativas sobre a universidade	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERENCIAS.....	41
APÊNDICE	43

INTRODUÇÃO

Sabemos que o ensino superior sempre foi um sonho distante para as classes mais baixas e minorias, realidade que começou a ser minimamente modificada com algumas políticas públicas de inclusão social, implementadas a partir dos anos 2000¹. Vários empecilhos sociais contribuem para tal quadro, isto porque, a realidade na qual elas estão inseridas é marcada por uma série de dificuldades estruturais e de violências que dificultam o seu acesso e sua permanência na educação.

As próprias condições estruturais da educação pública contribuem para o seu não ingresso, uma vez que elas também são precárias (estrutura física deficitária, despreparo de profissionais, etc.), o que também é um empecilho para a não efetivação do direito à educação. Se as classes baixas e minorias políticas enfrentam dificuldades de acesso e permanência na educação básica, o gargalo é ainda maior para o ensino superior.

Partindo deste fato, apesar do avanço que tivemos com as políticas públicas de inclusão na última década, ainda vemos a pouca pluralidade econômica, étnica, sexual e de gênero na educação superior. A presença de negros, mulheres, lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros nesses espaços é ainda recente. Se voltarmos os olhos para a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), em especial, para as pessoas Transgêneros, perceber-se-á um grande obstáculo na sua inserção e permanência: existem pouquíssimas pessoas trans no Ensino Superior.

A ausência das pessoas transgênero na Educação Superior é tão marcante, que não encontramos pesquisas de abrangência nacional que levantassem dados sobre sua presença nas universidades. Apesar disto, alguns trabalhos de caráter local demonstram sua ausência e invisibilidade, tais como o de Scote (2016). De acordo com o pesquisador, num levantamento realizado na cidade de Belo Horizonte, num universo de 138 (cento e trinta e oito) pessoas entrevistadas, constatou-se a presença de apenas 3 (três) pessoas transgênero com

¹ Tais como a Lei 12.711/2012 que instituiu o regime de cotas para o acesso ao Ensino Superior Público; o Decreto Presencial nº 6.096/2007 que criou o programa REUNI, cujo objetivo foi o de ampliar o acesso e a permanência no Ensino Superior Público, contribuindo para a interiorização das universidades; e a Lei nº 11.096/2005 que criou o programa PROUNI, com o objetivo de ofertar bolsas de estudos e crédito estudantil para estudantes egressos de instituições públicas no ensino superior privado.

Ensino Superior completo. Desta pesquisa, 91,3% (noventa e um vírgula três por cento) não passaram do ensino médio.

O preconceito, a discriminação, a exclusão social e a violência são as principais barreiras que impedem a efetivação do direito à educação das pessoas transgênero (travestis e transexuais). A Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA (2018) realizou um levantamento sobre a situação das travestis e transexuais no Brasil no ano de 2017, que resultou no *Mapa do Assassinato de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017*.

De acordo com o documento, no ano de 2017, 179 (cento e setenta e nove) pessoas trans foram assassinadas, dentre elas 169 (cento e sessenta e nove) eram travestis e mulheres trans e 10 (dez) eram homens trans². Esses crimes geralmente são cometidos extrema violência – 85% (oitenta e cinco por cento) deles foram praticados com requinte de crueldade³ - isto implica em dados assustadores, tais como: uma pessoa trans é assassinada a cada dois dias no Brasil e a média de idade das pessoas assassinadas é de apenas 27,7 anos (ANTRA, 2018). Disso podemos concluir que a vida das pessoas trans é marcada por diversas violências, que as invisibilizam e marginalizam.

Outras exclusões são marcantes para as pessoas trans, estas não possuem acesso ao mercado formal de trabalho. Ainda de acordo com a ANTRA (2018), 90% da população de travestis e transexuais tem como fonte de subsistência a prostituição, profissão que as tornam mais vulneráveis à violência sexual e física, bem como a exposição à doenças sexualmente transmissíveis.

Assim, pode-se concluir que a vida das pessoas trans é marcada por fortes exclusões sociais e violências, e um exemplo disto é o desrespeito ao seu direito à educação. As pessoas trans não se encontram nas universidades, muitas, encontram dificuldades para concluir a educação básica. É neste cenário de ausências e silêncios que se insere a presente pesquisa.

Uma das motivações para a realização deste trabalho é o fato de que sou um homem trans inserido no meio acadêmico. Senti na pele como este ambiente pode ser cruel e excludente com as pessoas que vivenciam esta condição, por isso, compreendo que esta pesquisa tem uma grande importância social que é a de

² Ainda de acordo com a ANTRA (2018), 96% (noventa e seis por cento) dos inquéritos que investigam esses crimes foram arquivados.

³ Praticados com espaçamento, deformação do corpo, mutilação, etc.

realizar um diagnóstico sobre a inserção das pessoas trans na UFERSA e refletir sobre as dificuldades que elas atravessam.

Trago através da problemática em tela, uma análise da vivência diária na academia. A partir desta análise procuro entender os motivos pelos quais poucos transgêneros ingressam no ensino superior, mais especificamente na Universidade Federal Rural do Semi Árido. Analisar esse tema é de suma importância para mostrar a necessidade de políticas de acesso melhores e voltadas para esse grupo.

Assim, o presente trabalho monográfico está dividido em três capítulos. No primeiro deles apresento os fundamentos e marcos teóricos que norteiam minhas análises, no segundo capítulo, apresento a metodologia utilizada no seu desenvolvimento e, no terceiro, analiso os dados colhidos.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta passagem, esmiuçaremos alguns conceitos basilares que subsidiarão nossa análise do material coletado no desenvolvimento da pesquisa empírica. Debateremos os conceitos de sexo, gênero, identidade de gênero e sexualidade e relacionaremos tais categorias com as pessoas transgêneras.

1.1 Algumas considerações sobre gênero e transgeneridade

Moore (1997) afirma que para combater o determinismo biológico⁴ que fornece o privilégio ao homem, é necessário fazer a distinção de sexo biológico e gênero, pois as diferenças que se baseiam nessa categoria não devem determinar a construção do gênero.

Silva (2008) e Freitas (2008) ressaltam que para a sociedade o entendimento de gênero está firmemente ligado à construção social do sexo, onde, para a sociedade, o gênero se constrói a partir da caracterização física do ser humano. Existem as diferenças fisiológicas entre o sexo masculino e feminino, mas a construção do gênero - homem e mulher - só são devidas com a produção cultural.

O sexo é compreendido como o elemento biológico, caracterizado pela presença da genitália feminina (vagina) ou masculina (pênis). Há indivíduos cujas genitálias não são precisamente femininas ou masculinas, podendo ter elementos internos (aparelho reprodutivo) e externos (órgão sexual) que se relacionam com ambos os sexos. Essas pessoas são também conhecidas como intersexuais, também chamadas de hermafroditas.

A categoria gênero surge no seio do pensamento feminista contemporâneo, com o objetivo de designar as construções sociais que são realizadas sobre os homens e mulheres, relacionando os papéis sociais, as expectativas sobre esses corpos, bem como a sua 'normalização' e relações de poder sobre eles estabelecidas (LOURO, 1997). A historiadora Joan Scott (1991) informa que o gênero é uma das primeiras formas de significar o poder, demonstrando como são construídas tais expectativas e normas sobre os corpos femininos e masculinos, bem como elas são hierarquizadas, atribuindo-se aos

⁴ Por determinismo biológico compreende-se a perspectiva que afirma ser natural a diferença entre homens e mulheres, esta baseada nas diferenças biológicas entre o sexo masculino e o feminino.

homens e à masculinidade um papel superior ao corpo feminino e as características socialmente atribuídas às mulheres.

Pode-se observar a divisão sexual em diversos aspectos da nossa sociedade, no que ficou conhecido como binarismo (ou a construção do pensamento a partir da oposição entre feminino e masculino – homem e mulher). Assim, se observarmos os binômios natureza/cultura, sensibilidade/razão, etc, pode-se perceber que o primeiro pólo corresponde ao homem/masculino e o segundo às mulheres/feminino. Os binômios são sexualizados e hierarquizados. Para além disso, o binarismo como forma de enxergar o mundo, renega os sujeitos que não se enquadram nessas categorias, tais como os próprios intersexuais e as pessoas trans.

O binarismo como forma de pensar o mundo, assim como o gênero, foram construídos historicamente e com ele também se relaciona uma única forma de vivenciar a sexualidade – a heterossexual – ao que estudiosos chamam de heteronormatividade (LOURO, 1997). A sexualidade pode ser compreendida como as múltiplas expressões do desejo humano, as quais podemos relacionar com as identidades sexuais: heterossexual (aquele que sente desejo pelo sexo oposto ao seu), bissexual (aquele que se sente atraído por ambos os sexos), homossexual (aquele que se sente atraído por pessoas do mesmo sexo), dentre outras (LOURO, 1997).

Aqueles que se distanciam do considerado “normal” (homem/mulher – heterossexual) são freqüentemente marginalizados, excluídos e violentados. Ao decorrer da história, os novos grupos que se distanciam do “normal” (também conhecidas como pessoas LGBTTI – lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros e intersexuais) começaram a reivindicar o reconhecimento de sua diferença e o acesso aos direitos. Isto gerou um certo avanço social no reconhecimento dessas pessoas, como também essa transformação é marcada de contradições. Vejamos:

Se por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais, por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física. (LOURO, 2008, p.21).

Tais sujeitos e sujeitas colocam a olhos nus a pluralidade de experiências com os corpos humanos, em especial, as pessoas transgêneros. É a partir delas e de sua existência que se passa a construir o conceito de identidade de gênero. Quando uma pessoa nasce, em geral, a partir de sua anatomia sexual lhe é designado um sexo (feminino ou masculino) e seu corpo começa a ser domesticado para aceitar todos os padrões socialmente impostos a eles, tais como a feminilidade/masculinidade e a heterossexualidade como expressão do desejo. As pessoas trans evidenciam que a anatomia não pode determinar sua identidade, por esta razão, nasce a ideia de identidade de gênero, qual seja, a forma como o indivíduo enxerga a si próprio, o que permite compreender que uma pessoa, a despeito da genitália masculina, se reconhece e se identifica enquanto mulher, neste caso, uma mulher trans e vice-versa. Assim, de acordo com Grossi (2011), a pessoa transgênero é o indivíduo que se sente pertencente ao gênero oposto ou pertencente a ambos e até mesmo a nenhum gênero.

Infelizmente, partindo do pressuposto de que o padrão definidor da “normalidade” é a figura masculina-heterossexual, tudo que foge disso está sujeito às pressões e imposições da sociedade. As pessoas trans fogem dessa caixa e acabam sofrendo pelo simples fato de se definirem de uma maneira diferente daquela que é amplamente aceita.

Esse sofrimento acontece em várias frentes, como a violência moral, psicológica, violência sexual, o não reconhecimento do nome social, o uso a retirada de direitos que são fundamentais a qualquer ser humano. Porém, “ser humano” é algo que pessoas trans não são para a sociedade. Todos os dias são mortas inúmeras travestis e mulheres trans – a cada quarenta e oito horas uma pessoa trans é assassinada no Brasil (ANTRA, 2018) -, todos os dias pessoas trans tiram as vidas e, nesse contexto, o suicídio também pode ser interpretado como homicídio⁵.

Um dos principais direitos ceifado da população trans é o da educação, uma vez que as instituições também reproduzem violências, em especial, são marcadas pelo preconceito e discriminação, entraves ao uso do banheiro, olhares e comentários pejorativos, não reconhecimento do nome social, dentre outros. As instituições de educação não são consideradas um lugar próprio das pessoas trans.

⁵ De acordo com o Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT e Departamento de Antropologia e arqueologia da UFMG (2015), em pesquisa realizada na cidade de Goiás, 85,7% dos homens trans que participaram da mesma tentaram o suicídio ou pensaram em praticá-lo.

A permanência (e supostamente o sentimento de pertencimento no ambiente escolar) pode parecer, para a maioria das travestis ou transexuais, algo impossível, inexistente. Sua suposta “realidade” para muitos, encontra-se ainda em esquinas, ou em casas de prostituição, ofertando carinhos em troca de míseros trocados. Algumas delas, porém, conseguem burlar essa invisibilidade e transgredir o estigma, ocupando uma vaga em universidades particulares ou públicas pelo país. (SCOTE, 2016, p.01).

De acordo com a ANTRA (2018), a média de idade em que as pessoas trans são expulsas de casa é de apenas 13 (treze) anos. Sem moradia e qualificação, 90% da população de travestis e transexuais do Brasil tem a prostituição como sua principal fonte de renda, o que evidencia como o dia a dia dessa população é marcado por violências e como seus direitos são cotidianamente desrespeitados. A escola nunca foi o ambiente propício a essa população, e muito mesmo a faculdade. Mesmo sendo visto como um recanto de saberes e de diversidade, a academia ainda possui nos seus pilares de formação o conservadorismo que impede a entrada e a permanência de qualquer grupo que fuja da figura “normal”.

Mesmo com tantas dificuldades e impedimentos, existem pessoas trans de luta que não aceitam a retirada de seus direitos e insistem em ocupar os espaços que são seus. A partir dessa atitude eles estão cientes de todas as dificuldades que irão enfrentar ao desobedecer ao “sistema” ditado, mas sabem que aquele espaço só será de todos, quando todos tiverem as mesmas oportunidades de entrada e permanência e, isso só é possível, por persistência e muita luta.

1.2. Sexo, Gênero, Identidade de Gênero e Sexualidade

Como já afirmamos, a sociedade compreende o sexo e o gênero, a partir da diferenciação entre masculino e feminino, estabelecendo assim as diferenças socialmente produzidas, bem como as desigualdades. Como afirmamos acima, a categoria sexo diz respeito aos órgãos genitais, atribuindo-se o órgão genital pênis aos homens e a vagina às mulheres. Durante muitos anos, essa forma de enxergar a espécie humana invisibilizou e continua a invisibilizar as pessoas intersexuais, por

exemplo. A relação entre sexo e gênero é problemática no campo teórico que aprofunda tais estudos e pode ser resumida:

A relação real entre o sexo biológico e a construção cultural do gênero não foi devidamente examinada, visto que foi assumida como uma relação relativamente não-problemática. Assim, embora se reconheça que as construções de gênero não são determinadas pelas diferenças sexuais biológicas, existe em muitos textos de ciências sociais uma tendência para assumir que as categorias de gênero e os sentidos de gênero são artifícios culturais destinados a compreender e gerir o fato óbvio das diferenças sexuais binárias. (MOORE, 1997, p 02).

O gênero, masculino e feminino, por sua vez, são construídos a partir do corpo sexuado. A categoria gênero diz respeito às construções sociais e normalizantes que são realizadas sobre esses corpos, como expectativas, papéis, comportamentos, etc. O gênero é, sobretudo, uma categoria relacional que visa compreender como são estabelecidas essas diferenças sociais e como elas refletem uma relação de poder, qual seja, a de dominação do macho-homem-masculinidade sobre a fêmea-mulher-feminilidade e como ela atinge todos os demais corpos que não se encaixam neste binômio. A categoria gênero indica, sobretudo, como são estabelecidas relações de poder e de submissão dos corpos que não se encaixam dentro do padrão socialmente estabelecido.

Sobre a naturalização do sexo na sociedade, Gomes (2012, p. 05) afirma: “Relembre da sua formação pessoal: desde criança você foi ensinado(a) a agir e a ter uma determinada aparência, de acordo com o seu sexo biológico. Se havia ultrassonografia, esse sexo foi determinado antes de você nascer. Se não, foi no seu parto”.

Estereótipos como vestimentas, ações, comportamentos são exemplos dos padrões impostos pelas construções sociais do gênero. Pensemos, por exemplo, o corpo das mulheres. Para a sociedade, elas devem ter uma postura mais delicada, serem “comportadas”, donas de casa, usarem um certo tipo de roupa, enquanto o homem deve ser viril, trabalhar fora do lar, deles se espera o uso da força, etc. Esse padrão de gênero contribui para inúmeras violências, como as físicas, psicológicas, violências que atingem os direitos dos seres humanos. Os estereótipos de gênero devem ser contidos e revistos.

A identidade de gênero se relaciona com a forma como o indivíduo vê a si mesmo, muitas vezes, a maneira como ele se identifica vai de encontro com as

percepções e conceitos que a comunidade transmite. A identidade de gênero permite que o indivíduo se construa de acordo com sua compreensão de si próprio, inclusive, readaptando sua genitália de nascimento (caso queira). Ou seja, sexo e identidade de gênero não possuem uma relação ditatória como o coletivo social faz repercutir. O ser humano pode nascer com uma genitália específica de um homem e sua identidade de gênero ser a de uma mulher e vice-versa. Essas pessoas são chamadas de transgêneros.

Outra diretriz social prescrita é a da sexualidade (como afirmamos acima, o campo da manifestação do desejo humano). Desde o nascimento de uma criança todo o seu futuro é pensado, planejado a partir do sexo com o qual ela nasceu. Se ela possuir um pênis compreender-se-á que ela é um homem e deverá ser ensinada a se comportar como tal, também assumindo uma sexualidade específica, a heterossexual.

Os termos sexo, identidade de gênero e sexualidade, apesar de se relacionarem, são esferas separadas da vida de uma pessoa. Uma pessoa pode possuir uma genitália que não corresponde a sua identidade de gênero e possuir uma sexualidade que não é coerente com gênero com o qual ela foi socializada ou com o sexo de nascimento. Compreendemos que as pessoas deveriam possuir a liberdade de expressar sua identidade de gênero, sem que isso gerasse para elas grande sofrimento e violência.

1.3. Transgêneros, Transexuais e Pessoas Cis

Apesar da grande difusão das expressões *trans* e *cis*, muitas pessoas ainda não compreendem o seu real significado e desconhecem, sobretudo, a realidade das pessoas trans. Por esta razão, explicitaremos a que se referem essas expressões.

BENTO (2006, p. 40) discorre que já na década de 1950, algumas publicações começam a dar vazão ao fenômeno transexual, nas suas palavras “ (...) começam a surgir publicações que registram e defendem a especificidade do ‘fenômeno transexual’. Essas reflexões podem ser consideradas o início da construção do ‘dispositivo da transexualidade’”. E com o passar dos anos, a questão trans foi sendo mais amplamente discutida.

Pessoas cisgênero são aquelas que nasceram com um sexo que coincide com sua identidade de gênero. Um exemplo de pessoas *cis* é aquela que nasceu com uma vagina e cuja identidade de gênero é a de uma mulher - o seu sexo corresponde a sua identidade de gênero. Essas pessoas são mais comuns na nossa sociedade e, um dos motivos disso, é o próprio processo de socialização que normaliza os nossos corpos.

As pessoas transgêneros são aquelas que nasceram com um sexo oposto ao de sua identidade de gênero. Exemplo desta situação é a da pessoa que nasceu com um pênis, mas se reconhece como uma mulher. Por todo o processo de socialização que atravessamos desde o nosso nascimento, a vida das pessoas *trans* é marcada por sofrimentos, pois desde cedo elas são ensinadas a se verem e a serem vistas como corpos errados, destoantes, equivocados. Toda a sua vida é marcada por muitos obstáculos e pela necessidade de autoafirmação constante para tentar garantir seus direitos. Gomes (2012, p. 07) afirma “a transexualidade é uma questão de identidade. Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa”.

O universo trans é composto por diversos sujeitos e sujeitas. Dentro dele estão inseridas as travestis e as transexuais. As travestis são indivíduos que vivem uma perspectiva feminina, mas não se declarando homem ou mulher (GOMES, 2012), isto é, reivindicam uma identidade específica, a de travesti. Elas são extremamente estigmatizadas e um dos principais alvo da violência social. As(os) transexuais são aquelas pessoas que se submetem a readequação sexual, isto é, ao procedimento cirúrgico que modifica o seu corpo conforme sua identidade de gênero.

Há ainda neste universo, as pessoas trans que se identificam como homens ou mulheres e que não se submetem à readequação sexual. Qualquer que seja a expressão da transgeneralidade, esta é sempre marcada por desafios, de acordo com Gomes (2012, p. 10): “pessoas que se identificam com alguma das expressões da transgeneralidade enfrentam um primeiro desafio: reconhecer a si mesmas e fazer decisões pessoais sobre se e quando irão se apresentar aos outros da forma como se identificam”.

Não podemos nos esquecer de perceber a concorrência de outros fatores na vida desses indivíduos, tais como a raça, classe, religião, idade e outros aspectos. (GOMES, 2012).

Por sua vez, pessoas transgêneros vivem suas sexualidades de maneiras diversas. Um homem trans pode ser heterossexual, bissexual, homossexual e assim por diante. Se ele se sente atraído por mulheres, sua identidade sexual é a de heterossexual, se, porventura, sentir atração por homens, sua identidade sexual é a de homossexual. Para as pessoas trans a sexualidade é um outro fato de sofrimento, porque socialmente podem ser consideradas como uma descaracterização e motivo de questionamentos.

É importante perceber que essas pessoas enfrentam um mar de dificuldades em toda a sua vida e não somente em relação a sua identidade de gênero, mas também, como foi falado com outros aspectos da vida social.

2. METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentarei os caminhos percorridos para o desenvolvimento da presente pesquisa, evidenciando os recursos metodológicos que foram empregados para sua realização.

2.1. Classificação da pesquisa

A pesquisa aqui desenvolvida tem natureza empírica, isto é, foi realizada a partir da observação e análise dos dados coletados, que visam refletir sobre a realidade de inserção das pessoas trans no ensino superior, em especial, na Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA).

O método de análise escolhido foi o qualitativo-quantitativo, por compreendermos ser o mais adequado para o recurso metodológico empregado (questionários) na pesquisa.

Para além disso, realizamos o estudo bibliográfico, bem como mapeamos pesquisas sobre o tema do trabalho, procurando informações de abrangência nacional sobre a realidade das pessoas *trans* no ensino superior.

2.2. Universo da pesquisa

O campo de trabalho escolhido foi, portanto, a UFERSA, buscando compreender quais as percepções dos e das estudantes que freqüentam esse ambiente sobre a transgeneridade, bem como quais as expectativas das pessoas trans que se encontram fora desse espaço no Estado do Rio Grande do Norte e, por fim, como se sentem as pessoas *Trans* que se encontram dentro da instituição no tocante ao seu acolhimento e permanência.

O recurso metodológico utilizado para a coleta de dados foi a aplicação de três questionários (anexados ao final do trabalho), elaborados especificamente para cada público da pesquisa. Os questionários de pesquisa foram disponibilizados num link da plataforma Google e enviados para os emails dos e das estudantes da UFERSA, bem como disponibilizados nas redes sociais nas quais se encontram estudantes da instituição. Para a obtenção de respostas de pessoas trans que não

se encontram inseridas nesta instituição (facebook e wathsapp), disponibilizamos o questionário nas redes sociais das quais pessoas trans participam.

Os questionários ficaram disponíveis para respostas no período compreendido entre 01.10.2017 a 01.11.2017. No questionário voltado para os e as estudantes *cis* da instituição foram obtidas 168 (seento e sessenta e oito respostas). Quanto às pessoas trans que se encontram fora da instituição, foram obtidas 40 (quarenta) respostas e quanto as pessoas trans que estudam na UFERSA, foram obtidas 3 (três) respostas.

A pesquisa procurou abarcar os quatro *campi* da UFERSA (Mossoró, Caraúbas, Angicos e Pau dos Ferros). Quanto às pessoas trans que não estudam na UFERSA, a abrangência geográfica foi estadual, não se limitando exclusivamente à cidade de Mossoró-RN.

2.3. Técnicas para obtenção dos dados

A principal técnica utilizada foi a aplicação de questionário de pesquisa, disponibilizado na plataforma do Google formulário e divulgado nas redes sociais. Como já afirmamos, foram desenvolvidos três formulários de pesquisa específicos, um para cada grupo pesquisado. Os participantes da pesquisa não precisaram se identificar, portanto, suas respostas foram anônimas.

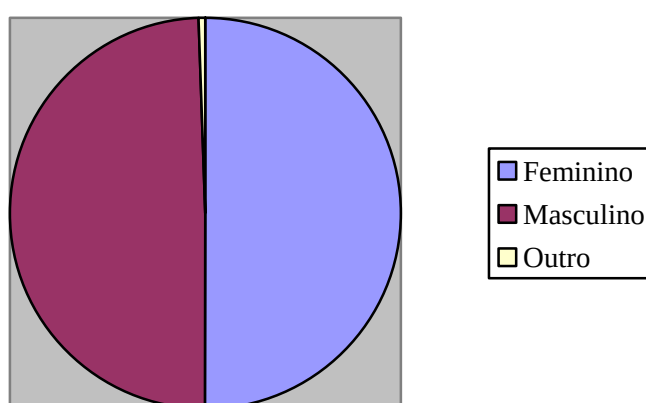
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentaremos aqui os principais resultados colhidos com a pesquisa. Iniciaremos a análise dos e das estudantes *cis* da UFERSA, apresentando suas principais percepções sobre o tema, em seguida, trabalharemos as perspectivas das pessoas *trans* que se encontram fora da instituição e, por fim, analisaremos a realidade das pessoas *trans* que vivem a instituição.

3.1. Os e as estudantes cisgênero da UFERSA

Dentre as e os estudantes cisgênero que responderam o questionário, 50% (cinquenta por cento) se declarou como do gênero feminino, ao passo que 49,4% (quarenta e nove por cento) afirmou ser do gênero masculino. E 0,6% (zero vírgula seis por cento) considerou-se pertencente a outro gênero. A partir disso, podemos concluir que a participação de homens e mulheres foi equiparada na pesquisa. Quanto ao quesito “outros” acreditamos que pessoas transgênero responderam a esse questionário, ignorando a existência de um instrumento específico para elas.

Gráfico 1: Gênero dos alunos CIS da UFERSA, 2018.

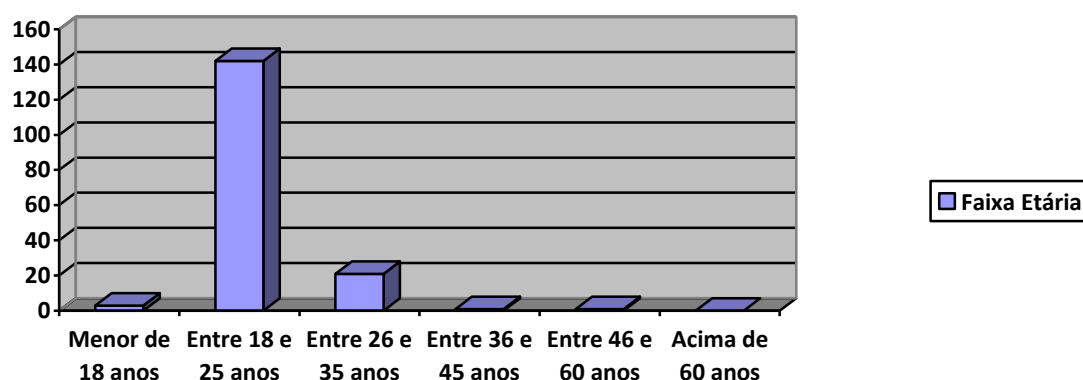


Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Com relação à faixa etária, verificou-se que a maioria dos indivíduos que responderam ao questionário possuíam idades compreendidas entre 18 e 25 anos

somando 84,5% (oitenta e quatro vírgula cinco por cento) das respostas. 12,5% (doze vírgula cinco por cento) apresentam idades entre 26 e 35 anos; apenas 1,8% (um vírgula oito por cento) declararam possuir menos de 18 anos e, 0,6% (zero vírgula seis por cento) afirmaram possuir idade entre 36 e 45 anos (0,6%) e, da mesma maneira, entre 46 e 60 anos. Podemos concluir, a partir disto, que o perfil das pessoas que participaram da pesquisa é majoritariamente formado por pessoas jovens.

Gráfico 2: Faixa etária dos alunos CIS da UFERSA, 2018



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

3.1.2. Compreensão sobre as categorias sexo, gênero, sexualidade e identidade de gênero e percepções sobre a transgeneridade

Dentre as 168 (cento e sessenta e oito pessoas) que participaram do questionário, 138 (cento e trinta e oito) afirmaram compreender a diferença entre sexo, gênero, identidade de gênero e sexualidade. Apenas 18 (dezoito) pessoas afirmaram que não compreendiam a diferença de tais categorias e 12 (doze) pessoas marcaram a opção outro. Percebemos, a partir destas respostas, que para a maioria das pessoas há uma compreensão mínima dessas questões.

Abaixo de tais perguntas existia a opção de que as pessoas comentassem as suas respostas. Dentre os comentários, apenas seis pessoas compreendiam de fato a diferença entre sexo, sexualidade, gênero e identidade de gênero, o que indica a forte necessidade de que esses temas sejam amplamente

discutidos no espaço acadêmico, uma vez que a falta de conhecimento e de informação permite a perpetuação de comportamentos preconceituosos e discriminatórios.

Chamamos atenção, no tocante aos comentários, para alguns que denotam caráter preconceituoso. Destacam-se: *“Não, isso é besteira. Só existe Sexo masculino e feminino”*; *“Sim, é um conceito criado por ideólogos de gêneros, baseado sem argumentos pseudo científicos, facilmente refutados”* e *“Identidade de gênero é a maior putaria q ja inventaram pra destruir ainda mais as nossas familias. (desculpe o modo de falar)”*. A despeito do número de comentários pejorativos e preconceituosos ter sido reduzido, eles demonstram como o preconceito existe no espaço acadêmico e como, por esse tema não ser amplamente tratado e debatido, ele permanece velado, vindo à tona em pesquisas de caráter sigiloso.

O preconceito e a discriminação com relação às pessoas trans, manifesta-se de diversas maneiras, a partir de olhares, piadas e comentários pejorativos, não inclusão nos círculos de amizade, negativa do uso do nome social e do prenome, dentre outras questões. Eles são um dos principais entraves à permanência das pessoas trans dentro das instituições de ensino superior, por isso, que sua existência nos comentários tem grande relevância, evidenciando a necessidade de conscientização e de fomento de uma cultura do respeito dentro da UFERSA.

Mesmo no campo das respostas positivas, observamos a presença de diversas expressões que evidenciam o padrão binário de nossa cultura, tais como *“por sentir que não nasceu no corpo certo”*. Cabe aqui destacar que não existe corpo certo ou errado, nossos corpos são o tempo todo moldados pelos nossos valores culturais e estéticos, por exemplo. O corpo da pessoa trás também é um objeto de transformação.

Quanto ao quesito “você sabe o que é uma pessoa trans?”, 138 (cento e trinta e oito) pessoas responderam que sim, ao passo que 8 (oito) pessoas responderam que não e 22 (vinte e duas pessoas) marcaram a opção outros. Mais uma vez, mostra-se significativo o número de pessoas que possuem conhecimento sobre a transgeneridade. Quanto aos comentários, mais uma vez encontramos alguns de cunho pejorativo e preconceituosos, destacam-se dois deles que afirmam: *“Sim. Alguém influenciado a achar que nasceu com o sexo errado”* e *“Uma pessoa que fingi ter um sexo diferente do que ela tem”*. Ambas as falas são preocupantes porque negam a existência de pessoas trans, evidenciando a crença de que elas

fingem ser o que são ou são influenciadas a acreditarem naquilo, colocando a transgeneridade como uma escolha, o que se trata de um equívoco combatido pelo movimento trans.

Quando questionados sobre o que acham das pessoas trans, isto é, se consideravam errada a existência delas, 128 (cento e vinte e oito) pessoas afirmaram que não, ou seja, aceitavam as pessoas trans da maneira como elas são. Ao passo que 6 (seis) pessoas afirmaram que achavam errada a existência delas e 34 (trinta e quatro) pessoas marcaram a opção “outros”. Na opção comentários, alguns deles nos chamaram atenção. São eles: *“desde que ela não use sua condição para usar o aparato estatal para conseguir benesses, como forçar pessoas do sexo biológico oposto ao dela frequentarem o mesmo banheiro”*; *“Errado sim pois sigo ensinamentos bíblicos, mas não questiono, não trato mau, tenho amigos trans... Uma coisa é eu não concorda, outra é eu não aceitar ou não respeitar..”*; *“Não concordo com a conduta, para mim o correto é como Deus ensina na Bíblia. Mas respeito qualquer pessoa que seja ou pense diferente de mim. Deus nos ordena amar e ajudar uns aos outros, pois é através do amor de Jesus Cristo que vidas são transformadas”*; *“não , contanto que tal pessoa não tente impor a opção dela a outras pessoas.”*; e *“Nao sei dizer se é um problema ou se é errado, mas creio q Deus fez o homem e a mulher”*.

Observa-se na maioria desses comentários a presença da influencia do pensamento religioso. Algumas falas revelam que, apesar de considerarem errado, as pessoas tentam ter uma postura respeitosa no ambiente de convivência; outra fala evidencia que considera a conquista dos direitos pelas pessoas trans como um privilégio e que sua identidade de gênero não deveria lhes dar acesso aos banheiros, por exemplo.

Quando questionados sobre como enxergavam as travestis na sociedade, os e as estudantes evidenciaram, em sua maioria, que esse tema ainda era um tabu social, pouco discutido e visibilizado. Muitas pessoas responderam que a palavra travesti remete à noite, à prostituição.

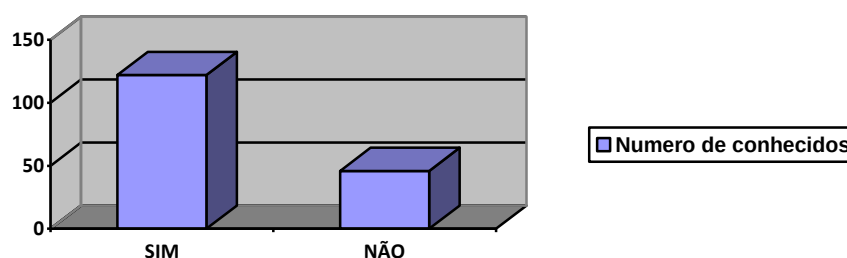
Algumas respostas também foram bem conscientes em relação ao cotidiano de travesti como, por exemplo, *“Mulheres pobres, geralmente negras e moradoras de comunidades, que vivem da prostituição e resistem”*, ou *“Infelizmente, um grande tabu na sociedade”*, mas um comentário pegou um dos pontos mais difíceis na vivência dessas pessoas *“Infelizmente, violência. O Brasil é um dos*

países que mais mata travestis no mundo. Além de não dar oportunidades a elas". De fato, de acordo com a ANTRA (2018), o Brasil é o país que mais mata pessoas trans do mundo⁶.

Acerca desse cotidiano marcado pela violência, Cemim (2011, p. 02) destaca que as travestis e as demais pessoas trans, por questionarem os padrões sociais e culturais "(...) são vistas comumente como abjetas pelo restante da sociedade, sendo um dos alvos de violência preferidos, ou então colocados dentro do campo do incompreensível e do patológico".

Quando questionadas se conheciam alguma pessoa trans na sua convivência familiar, social ou educacional, 122 (cento e vinte e duas) pessoas responderam que sim, totalizando 72,6%, ao passo que 46 (quarenta e seis) pessoas, equivalente a 27,4% (vinte e sete virgula quatro por cento), responderam que não conheciam nenhuma pessoa transgênero. A partir disso, podemos concluir que pessoas trans circundam a vida da maioria dos(das) estudantes, a despeito de não se encontrarem no espaço universitário

Gráfico 3: Quantas pessoas conhecem pessoas trans em qualquer ambiente, 2018



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

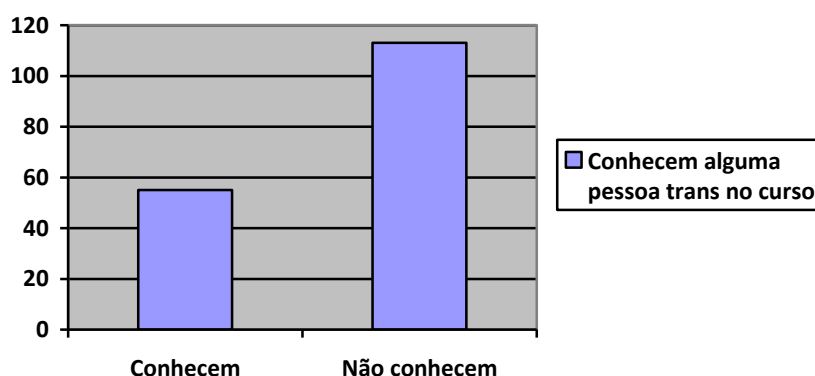
A despeito das respostas à pergunta anterior terem sido positivas, quando questionados se conheciam alguma pessoa trans na UFERSA, ocorreu uma inversão, a maioria não conhece ao passo que a minoria sim. 67,3% (sessenta e sete vírgula três por cento) das pessoas – 113 (cento e treze) pessoas não conhecem nenhuma pessoa trans no curso ao qual estão matriculadas, ao passo

⁶ Entretanto, O Brasil é um dos países que mais consome pornografia desse grupo, o que nos leva a questionar: qual seria a resposta para esse fato? De acordo com Leite (2014), o exotismo das travestis advém principalmente da “beleza exótica, o corpo ambíguo e a promessa de um prazer novo e intenso” mostrando o porquê do interesse.

que 32,7% (trinta e dois vírgula sete por cento) -55 respostas – afirmaram que sim. Isso mostra que por mais que as pessoas conheçam indivíduos trans, estas mesmas pessoas não convivem com eles no ensino superior. Com isso, evidenciamos como é reduzido o ingresso de pessoas trans na universidade, em especial, na UFERSA.

A esse respeito, destacamos que o ingresso de pessoas trans é reduzido, sobretudo, em razão da forte exclusão social que sofrem nos demais espaços escolares. Shimura (2011), resgatando as experiências das travestis em relação ao período escolar, afirma que seus relatos são em geral sobre violências e discriminações. Scote (2016), por sua vez, comenta que “embora a maioria das travestis pesquisadas tenha conseguido terminar o ensino médio, é muito pequeno o número das que conseguem ingressar nas universidades”.

Gráfico 4: Quantas pessoas conhecem pessoas trans no curso, 2018



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Quando questionadas se consideram que ser trans influencia na permanência dessas pessoas no espaço universitário, 85 (oitenta e cinco) pessoas compreendem que sim, ao passo que 32 (trinta e duas) consideram que não e 51 (cinquenta e uma) pessoas marcaram a opção outros. Tais dados evidenciam que, para a maioria das pessoas, a transgeneridade é uma condição difícil e que tem impactos na permanência no ensino superior.

Quando solicitamos que as pessoas comentassem tal pergunta, muitas delas evidenciaram em seus comentários como o espaço acadêmico pode ser hostil para as pessoas trans. Destacam-se as seguintes observações: “Sim. A escola e as universidades são ambientes repletos de opressão. Para pessoas que “destoam” do

padrão imposto pela sociedade, as instituições escolares são lugares hostis. É natural que haja evasão dessas pessoas” e; “Sim, as universidades não estão preparadas para receber esse tipo de pessoa, por exemplo a questão de qual banheiro usar, o preconceito das pessoas, se esta pessoa precisasse morar na vila acadêmica a aceitação dos colegas etc. Esta pessoa encontraria muitos desafios”. Outras evidenciam a ausência de debates sobre tais questões, destacando-se: “Sim. A transexualidade é um assunto pouco discutido não só no meio acadêmico e a falta de informações sobre o assunto gera preconceito”.

Podemos constatar, a partir das percepções dos e das estudantes *cisgênero* da UFERSA que ainda há uma grande dificuldade de tratar, debater e discutir questões ligadas à sexualidade e identidade de gênero no ambiente acadêmico. Este silenciamento torna a vida das pessoas trans mais difícil, pois auxilia na naturalização da sua ausência e na consolidação do preconceito e da discriminação. Percebemos, portanto, a necessidade de que a instituição desenvolva e promova maior conscientização dos docentes sobre o tema, com construir uma universidade mais inclusiva.

3.2. Os e as estudantes transgênero da UFERSA

Ao todo, quatro pessoas transgênero responderam ao questionário de pesquisa. Três delas se identificaram como homens trans e uma delas como mulher trans. O número reduzido de pessoas trans na UFERSA evidencia, por si só, o caráter pouco inclusivo das universidades públicas no Brasil.

Com relação à faixa etária deles e dela, três possuem idades compreendidas entre 18 e 25 anos, ao passo que um tem idade compreendida entre 26 e 35 anos, o que nos leva a concluir que se tratam de pessoas jovens, em idade universitária. Os cursos dessas pessoas são variados e também se encontram em períodos diferenciados, são eles: Biotecnologia, Ciência e Tecnologia, Letras-línguas e Medicina Veterinária.

Quando questionados(as) se conhecem outras pessoas transgênero na UFERSA, os(as) quatro pessoas trans afirmaram que sim. O que consideramos um fator positivo, uma vez que é importante conhecer e ter acesso a outras pessoas trans, contribuindo para a diminuição do sentimento de isolamento e solidão que a ausência de representatividade pode ocasionar nesses sujeitos.

Quando questionados(as) se já sofreram algum preconceito ou discriminação dentro da instituição, 3 (três) deles(as) afirmaram que sim – o que corresponde a 75% (setenta e cinco por cento) do universo – e 1 (uma) pessoa afirmou que não – o que corresponde a 25% (vinte e cinco por cento). Quando questionados sobre a frequência desta prática, 3 delas afirmaram que ela ocorre de vez em quando, o que indica o caráter reiterado e, portanto, não isolado de tais atitudes. Tal dado é bastante preocupante, uma vez que condutas preconceituosas e discriminatórias podem afetar a permanência, bem como o rendimento e a saúde mental dos e das estudantes trans.

Quando questionados sobre quem praticou tal conduta, 2 (duas) pessoas afirmaram ter sido um(a) professor(a) (50% do total), ao passo que 3 (três) afirmaram ter sido um(a) colega estudante (75% do total). Tais dados são alarmantes, sobretudo, quando o preconceito parte do profissional da educação, os(as) professores, uma vez que possuem o dever institucional de respeitarem seus estudantes. Por outro lado, esta conduta é ainda mais grave quando observamos que os(as) professores representam a instituição UFERSA, o que pode indicar sua convivência com tais atitudes. Também apontamos como preocupante a prática de preconceito e discriminação por colegas da instituição. A rejeição, o preconceito e a discriminação impactam no sentimento de pertença e aprendizagem dos e das estudantes trans, o que pode tornar a universidade um ambiente hostil para eles(as).

Quanto aos tipos de preconceitos que sofrem na universidade, apenas uma pessoa trans fez comentários, apontando para os olhares e comentários pejorativos e desnecessários, o que a deixava desconfortável no ambiente acadêmico. Quando questionadas se já pensaram em desistir da UFERSA em razão de sua transgeneridade, 75% (setenta e cinco) por cento delas afirmaram que sim, ao passo que apenas 25% (vinte e cinco) por cento afirmou que não (1 pessoa). O que indica como a UFERSA precisa avançar no que diz respeito ao reconhecimento dos direitos das pessoas trans e na transformação de seu espaço educacional num ambiente mais inclusivo e acolhedor. Evidencia também o quanto o peso do preconceito e da discriminação tem impacto na permanência destas pessoas na universidade.

Quando questionadas se ser trans influencia na permanência das pessoas no ensino superior, 100% das respostas foram positivas. Para os e as estudantes trans da UFERSA, a transgeneridade influencia na sua permanência e aprendizado.

Vejamos alguns dos comentários a essa pergunta: *“A depender do caso sim, pois além das dificuldades normais do curso o aluno ainda precisa suportar constrangimentos recorrentes”*. Esta fala evidencia como ser trans é um empecilho a mais a ser superado pelos estudantes para sua permanência no ensino superior.

Outra colocação: *“Com certeza, não é todo mundo que é capaz de enfrentar as dificuldades diárias que encontramos. Dos direitos mais simples, como ir ao banheiro, até o momento de passarmos por constrangimentos diários de diversas formas.”*. Mais uma vez, reforça-se o constrangimento que as pessoas trans sofrem no ambiente universitário. E, por fim: *“Sim, muitas pessoas se encontram psicologicamente, ou fisicamente, pressionadas diariamente, seja por discentes, docentes ou técnicos administrativos o que leva muitas pessoas a desistirem por não agüentar mais tanta pressão, as vezes já se encontrando em casos de depressão e ansiedade, por terceiros, assim para poder sobreviver algumas pessoas encontram a saída como resposta”*. Todas as colocações de pessoas trans que estudam na UFRSA reforçam como o preconceito e a discriminação impactam na sua permanência.

Para SCOTE (2016) *“A permanência (e supostamente o sentimento de pertencimento no ambiente escolar) pode parecer, para a maioria das travestis ou transexuais, algo impossível, inexistente.”*. Reforçando que para muitos e até para elas a *“realidade”* que as cerca. Continuando, SCOTE (2016) comenta que o acesso a escola deveria ser para todos, mas pessoas trans não são seres aceitos por causa de sua identidade de gênero, sexualidade.

Percebemos, a partir de tais colocações, que o dia a dia das pessoas trans dentro da UFRSA ainda é marcado por dificuldades, que impactam diretamente na sua saúde mental e no seu desenvolvimento intelectual. A pesquisa aponta para a necessidade de acompanhamento especial destes e destas estudantes e do fomento a um ambiente mais acolhedor para as pessoas trans pela gestão universitária. Vale destacar que, a despeito desse ambiente acadêmico ser marcado pelo preconceito e discriminação, a instituição avançou no reconhecimento do direito ao uso do nome social pelas pessoas trans, na resolução 001/2014 do Conselho Superior Universitário (CONSUNI).

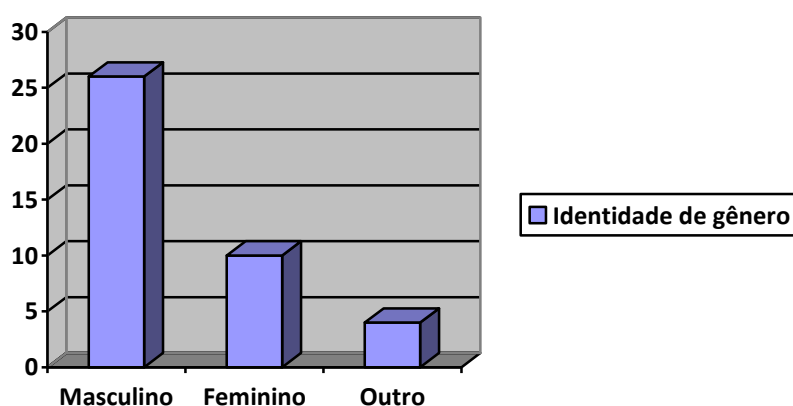
3.3. As pessoas transgênero fora da UFERSA: expectativas sobre a universidade

O questionário para pessoas transgênero fora da instituição teve abrangência estadual, isto é, participaram dele pessoas trans de todo o Estado do Rio Grande do Norte. Ao todo, o questionário obteve 40 (quarenta) respostas, cujo objetivo central era o de compreender a realidade dessas pessoas e suas expectativas com relação ao ensino superior.

Se compararmos o número de respostas de pessoas trans que estão estudando na UFERSA, com o número de pessoas que estão fora dela (a primeira teve um total de 3 e a segunda de 40), perceberemos a discrepância no acesso ao ensino superior. Não é que as pessoas trans não existam, mas sim que elas não conseguem ingressar no ensino superior.

Dentre as pessoas transgênero que responderam ao questionário, 26 (vinte e seis delas) afirmaram ser homens trans (o que correspondeu a 65% do total), ao passo que 10 (dez) afirmaram serem mulheres trans (25% do total) e 4 (quatro) marcaram a opção outros (10% do total). Lembrando que a identidade de gênero não fica fixada somente entre homem e mulher, o a vivência da identidade de gênero pode ser bem vasta em relação à lógica binária.

Gráfico 5: Gênero das pessoas TRANS de fora da UFERSA, 2018.



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

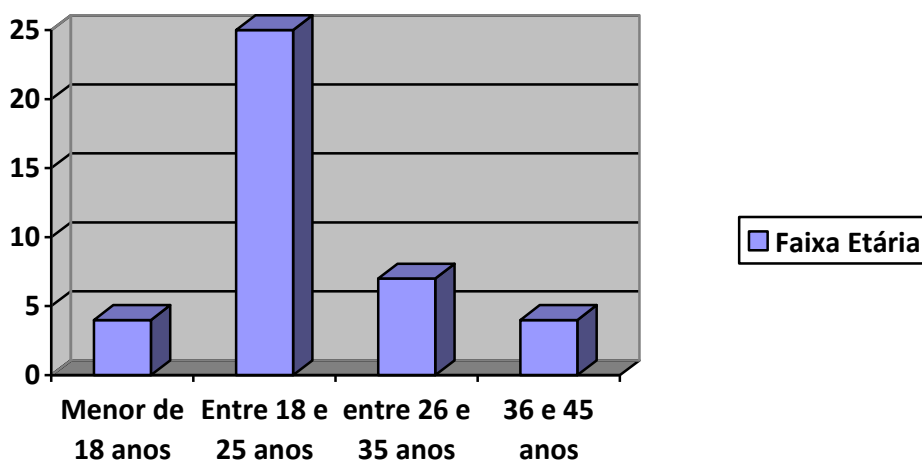
Quando se trata de faixa etária, o grupo trans é conhecido, infelizmente, por possuir baixa expectativa de vida, de acordo com a ANTRA (2018), a média é de

apenas 35 anos. Isso ocorre por vários motivos, como a extrema violência, a alta taxa de suicídio, dentre outros. Como foi citado, o Brasil hoje é o país que mais mata pessoas transgênero no mundo, então não fica difícil entender o motivo dessas pessoas possuírem uma faixa etária baixa.

De acordo com informativo divulgado neste ano pelo Projeto de Monitoramento de Homicídios Trans (TransMurderMonitoring Project), entre janeiro de 2008 e dezembro de 2014, foram registrados 1.731 casos de homicídios de pessoas trans em todo o mundo, sendo que 681 destes dizem respeito ao Brasil (i.e., cerca de 40%). Não por acaso, a expectativa de vida desse grupo é de apenas cerca de 30 anos, muito abaixo daquela apontada pelo IBGE para o brasileiro médio, de quase 75 anos. (GRAÇA; MARINHO, *apud* Min. Luís Roberto Barroso).

Dentre as pessoas trans entrevistadas, 10% (dez por cento) delas possuem menos de 18 anos (quatro pessoas no total). 62,5% (sessenta e dois virgula cinco por cento) afirmaram possuir idades entre 18 e 25 anos (25 pessoas), ao passo que 17,5% (dezessete virgula cinco por cento) afirmaram ter idades entre 26 e 35 anos (sete pessoas) e apenas 10% (dez por cento) declararam ter entre 36 e 45 anos (4 pessoas). Pode-se concluir, a partir disso, que a maioria das pessoas trans que participaram da pesquisa são jovens em idade de ingresso no ensino superior.

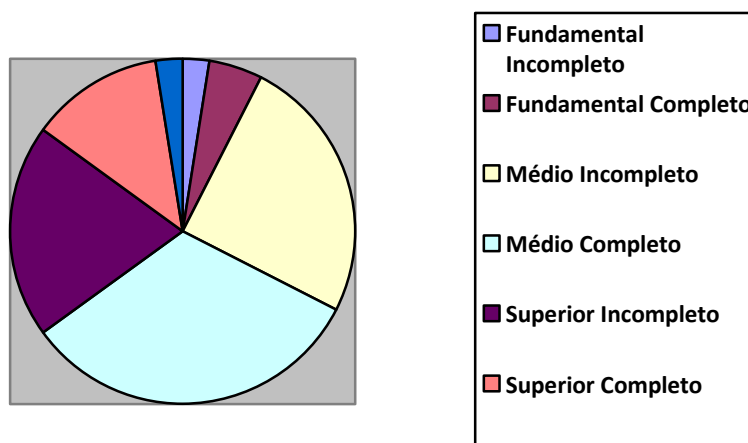
Gráfico 6: Faixa etária das pessoas TRANS de fora da UFERSA, 2018.



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Outro ponto importante a se pensar em relação a pessoas transgêneros é o fator da escolaridade. Quando perguntadas sobre a sua escolaridade, uma pessoa (2,5%) afirmou possuir o fundamental incompleto, duas (5%) falaram possuir o fundamental completo, dez (25%) possuem o ensino médio incompleto e treze (32,5%) o ensino médio completo, oito pessoas (20%) comentaram deter o ensino superior incompleto e, apenas cinco pessoas (12,5%) possuem o ensino superior completo. Apenas uma pessoa afirmou portar o diploma de pós-graduação. Podemos constatar, a partir disso, como as pessoas trans estão excluídas da educação formal, uma vez que a maioria delas possui como escolaridade máxima o ensino médio. Percebe-se também que 20% afirmaram ter ingressado no ensino superior e desistido dele, o que pode evidenciar a ausência de condições para sua permanência, dentre outros fatores. Chama-nos atenção, sobretudo, o reduzido número de pessoas trans que concluíram o ensino superior, apenas cinco, num universo de quarenta, o que evidencia como o acesso a ele ainda é um obstáculo a ser superado por políticas de inclusão voltadas a essas pessoas.

Gráfico 7: Escolaridade das pessoas TRANS de fora da UFERSA, 2018.



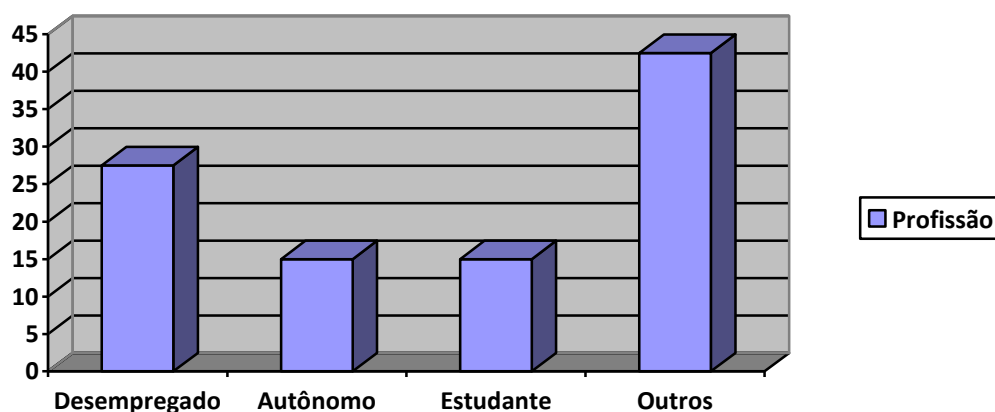
Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Uma das questões foi para entender e analisar as atividades desempenhadas por essas pessoas em relação ao mercado de trabalho. As respostas foram bastante diversas, como auxiliar de comunicação, segurança, cozinheiro, mecânico, entre outros. Uma coisa que deve ser analisada é a repetição da resposta do desemprego, um total de 27,5% das pessoas que responderam então em situação de desemprego, outros 15% desenvolvem empregos autônomos

e outros 15% estão estudando. Analisando esses dados é perceptível que a maioria dos trabalhos exercidos por essas pessoas são considerados subempregos, isto é, mal remunerados e que dispensam maior acesso à educação. Ingressar no mercado de trabalho é algo muito difícil para a realidade da população trans, como afirma Amaral (2013):

(...) dificuldade na obtenção de um emprego fora do mercado da prostituição, seja devido à falta de conclusão dos estudos, seja devido à falta de passaportes básicos para sua inserção social, tais como documentação que indique seu nome social de maneira coerente com sua forma de apresentação enquanto gênero distinto daquele imposto em seu nascimento.

Gráfico 8: Ocupação das pessoas TRANS que estão fora da UFERSA, 2018.



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Percebe-se assim que a realidade delas não destoa dos dados gerais de pessoas transgênero no Brasil. Para conseguirmos entender os desafios que as pessoas trans passam, precisamos escutá-las e não sair deduzindo coisas. Pensando nisso, passaremos a analisar tais questões a partir dos dados coletados com elas.

Como já esperado, todas as pessoas afirmaram possuir dificuldades e elas são inúmeras, desde coisas básicas como o uso de um banheiro público, até as mais complexas como a violência que elas são alvo. Algumas respostas repetiram-se várias vezes mostrando as maiores dificuldades são: a falta de um mercado de trabalho inclusivo e não discriminatório (9 respostas); a falta de direitos para as pessoas trans (5 respostas); a violência, o preconceito e a discriminação na

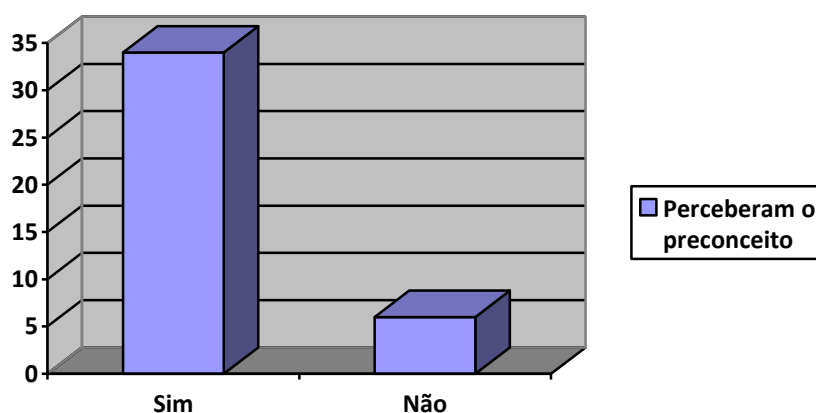
sociedade (17 respostas); a discriminação familiar (2 respostas) e dificuldades de acesso à saúde (1 resposta).

Quanto a este último ponto, Amaral (2013) afirma que a falta de acesso a saúde pública faz com que muitas pessoas trans recorram a mudanças corporais, como hormônios e próteses, de maneira clandestina, colocando assim sua saúde em risco, bem como suas vidas.

Podemos observar que os desafios enfrentados pelas pessoas trans que participaram do questionário não divergem daqueles que são propagados pelo movimento trans nacional. O não reconhecimento de suas identidades, o não uso do nome social e dos prenomes corretos, o abandono familiar, a violência, a discriminação e o preconceito, a falta de acesso aos direitos mais básicos, são todos aspectos do forte cenário de exclusão a que estão submetidas as pessoas transgênero no Brasil. Podemos observar nas respostas, sobretudo, que o principal desafio a ser enfrentado é a própria sociedade e sua cultura. Uma das respostas de uma pessoa trans mostra nitidamente como esta vivência é difícil, sofrida e turbulenta. Para ela, ser trans significa *“Aceitar que tudo será difícil sempre”*.

Este quadro mais uma vez é reforçado nas respostas ao quesito “se já sofreram preconceito?”, ao que 85% (oitenta e cinco por cento) das pessoas trans responderam afirmativamente (34 pessoas) e, apenas 15% (quinze por cento) falaram que não (6 pessoas). Isto se torna ainda mais complexo quando refletimos que nem todas as formas de violência e de discriminação são explícitas, muitas delas são tratadas como naturais por nossa sociedade, o que contribui para que nem sempre as pessoas se sintam vítimas de tais situações.

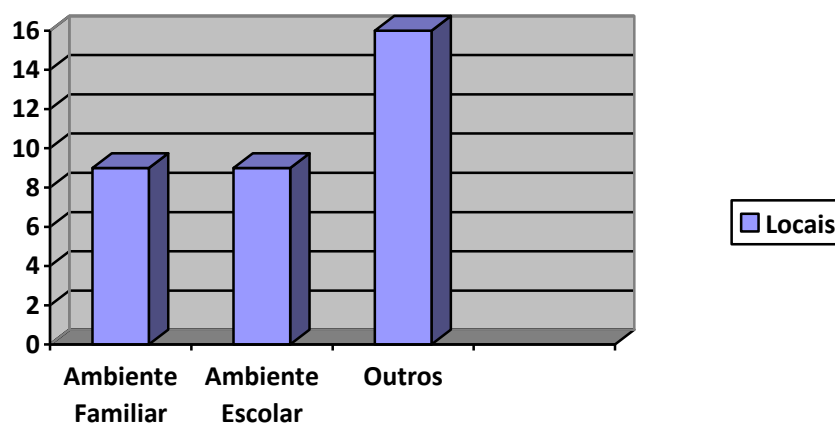
Gráfico 9: Percepção de preconceitos das pessoas TRANS de fora da UFERSA, 2018.



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Dentro dessa pergunta sobre preconceitos, também foi perguntado para as pessoas que responderam de maneira positiva onde ele ocorreu. Entre as respostas 26,5% (vinte e seis vírgula cinco por cento) responderam que sofreram dentro de casa, mostrando que esse tipo de preconceito é bastante recorrente na vida das pessoas trans (11 pessoas). Outros 26,5% (vinte e seis vírgula cinco) afirmaram ter sofrido em ambientes escolares, provando que os desafios vão de casa até outras instituições sociais (11 pessoas). Os outros 47% (quarenta e sete por cento) falaram que sofreram em outros ambientes, além da casa e escola (19 pessoas).

Gráfico 10: Locais onde sofreram os preconceitos, 2018.

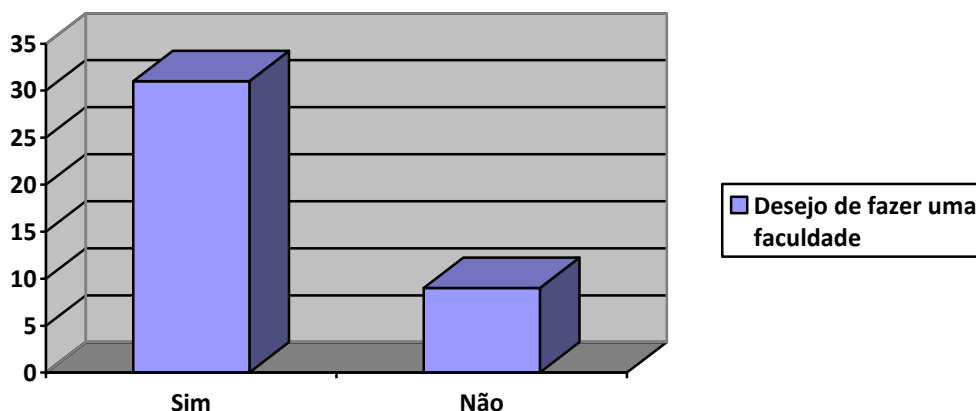


Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Quando questionadas se sentiam vontade de ingressar nas universidades, a maioria - 77,5% (setenta e sete vírgula cinco por cento) - respondeu que sim, que sentiam o desejo de começar um curso superior. Olhando esse dado e comparando-o com o dado de escolaridade, podemos perceber que 31 (trinta e uma) dessas pessoas sentem à vontade, mas a maioria delas não conseguiu esse ingresso. Os desejos de cursos são variados indo de cursos de exatas até cursos de humanas e biológicas, como engenharia, medicina, letras, psicologia, agronomia, direito, jornalismo, música, veterinária, entre outras.

Então é perceptível quando analisamos os dados que a aspiração a um ensino superior existe, mas as dificuldades não permitem que essa aspiração consiga ser realizada, e, mesmo aqueles que conseguem ingressar nas universidades acabam por desistir, apresentando-se um índice alto de evasão desses sujeitos, maior que o índice de conclusão do ensino superior, como vimos no gráfico sete.

Gráfico 11: Desejo de ingressar em uma faculdade, 2018.

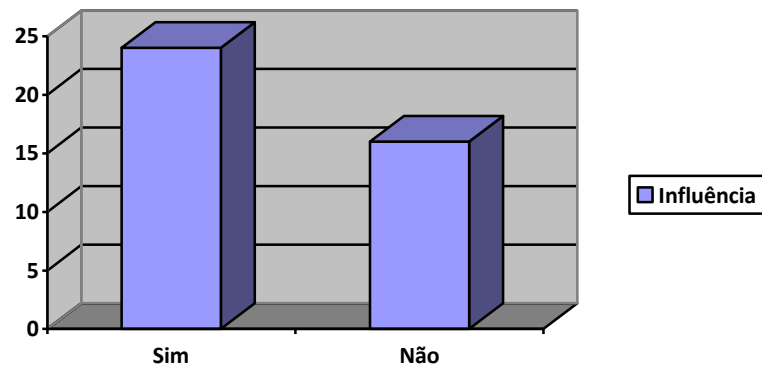


Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Após constatar o desejo de ingresso no ensino superior, procuramos compreender quais os motivos para o não ingresso e analisar se ser trans influencia ou não no abandono escolar, a partir das perspectivas das próprias pessoas trans. Das respostas, 60% (sessenta por cento) afirmaram que ser trans influencia no não ingresso/abandono da educação formal (24 pessoas), as demais 40% (quarenta por

cento) afirmaram a transgeneridade não exerce influência nisso (16 pessoas). Percebe-se, portanto, que para a maioria delas, a vivência de pessoa trans tem um papel fundamental no acesso e permanência à educação formal.

Gráfico 12: Influência de ser trans na desistência estudantil, 2018.



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

No tocante aos comentários por elas realizadas sobre a influencia da transgeneridade na desistência escolar, as respostas focaram-se, em sua maioria, no fato das escolas/universidades não serem um ambiente acolhedor/inclusivo para as pessoas trans. Destacam-se os seguintes comentários: “*A dificuldade de aceitação interna e externa desmotiva o estudante*”, ou “*Não existe acolhimento no âmbito escolar pra que pessoas trans permaneçam na escola.*”, só comprovam essa ideia. Para finalizar o questionário com objetivo em pessoas trans uma das respostas mostra bem o motivo de uma pessoa trans dificilmente permanece no ensino até a faculdade “*Nenhuma pessoa quer ser constrangido diariamente por pessoas extremamente ignorantes e que carregam muito da hipocrisia.*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o apresentado, podemos perceber que o conhecimento sobre o assunto e suas adjacências do que se trata de sexo, gênero, identidade de gênero e sexualidade ainda precisa melhorar. É preciso ter debates e fazer com que esses debates sejam algo recorrente não só na faculdade, mas em todos os âmbitos sociais. Não são termos difíceis de serem compreendidos distintamente, mas pelo simples fato de termos sido ensinados para seguir um pensamento, quebrar esse pensamento parece ser algo inviável ou até mesmo repudiável por parte da sociedade, mas é entender que o padrão sempre será quebrado então é necessário entender o próximo, compreender que os direitos são e devem ser para todos independente de classe, raça, identidade de gênero ou sexualidade.

Foi perceptível que a falta de conhecimento desses termos influenciaram a compreensão das pessoas CIS em relação às pessoas TRANS, muitos confundiram sexo com identidade de gênero, outros confundiram sexualidade com sexo ou com identidade de gênero, e como foram faladas inúmeras vezes, esses termos não possuem nenhuma ligação, são aspectos que devem ser vividos de maneiras separadas onde nenhum tem domínio no outro. Nesta perspectiva, muitos não conhecem nenhum trans, muito não possuem a informação do que é ser trans, assim tornando um pouco mais dificultoso o entendimento dessas pessoas.

Uma pessoa trans detém uma vivência muito pesada desde muito cedo, a maioria começa a sofrer em casa ouvindo que ser daquela maneira é errado ou sujo, depois esse indivíduo passa a sentir em todos os ambientes os preconceitos já fundados nas instituições sociais, preconceitos que vão do mais básico até um extremo. Muitas mulheres trans e travestis são mortas por ano no Brasil, e não é qualquer tipo de morte, são mortes marcadas pelo ódio, são inúmeras facadas, são pauladas, incontáveis tiros, são mortas por estrangulamento e por incalculáveis maneiras. Essas mortes provam o quanto a sociedade precisa mudar, precisa rever seus conceitos, precisa ensinar que a diversidade existe e que deve ser respeitadas por todos.

Pessoas trans devem possuir o mesmo direito que todas as outras, a escola não deve ser um ambiente hostil como hoje é, as pessoas não devem sentir medo ou sofrerem nenhum tipo de violência em uma instituição de ensino, mas

ainda sim hoje esse grupo sofre todos os dias, seja pela falta de preparo dos profissionais da educação, seja pela falta de informações dos mesmos ou até mesmo pela falta de empatia que as pessoas possuem. O ambiente escolar deve ser um local convidativo, deve ser um recanto de saberes que vai além das disciplinas de exatas, humanas e biológicas, deve ser um espaço no qual a diversidade seja respeitada e ensinada o respeito a isso.

É necessária uma mudança nas ideias que a sociedade passa, necessário políticas que auxiliem essas pessoas, que entendam os obstáculos que elas passam todos os dias, entendam que elas precisam ser respeitadas em todos os lugares e que acima de tudo os seus direitos devem ser respeitados e um deles é o direito a educação.

REFERÊNCIAS

MOORE, H. **Compreendendo sexo e gênero** (Tradução de Júlio Assis Simões, para uso didático, do original Understanding sex and gender). In: INGOLD, Tim (ed.) Companion encyclopedia of Anthropology. London: Routledge, 1997.

SILVA, C. G. **Unidade 1 – Sexualidade: Dimensão conceitual, diversidade e discriminação**, São Paulo, 2008.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições [online]. 2008, vol.19, n.2, p. 17-23.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições [online]. 2008, vol.19, n.2, p. 21.

GROSSI, M. P.; ÁVILA, S. **Transexualidade e movimento transgênero na perspectiva da diáspora queer**. In: Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, 5., 2010, Natal.

SCOTE, F. D. **Populações transexuais e universidade: O desafio da aceitação e efetivação da igualdade de direitos ao acesso no ensino superior**. In: Seminário Internacional de Educação e Sexualidade, 5. Encontro Internacional de Estudos de Gênero, 2., 2016, Vitória.

LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b.

BENTO, B. **A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

<http://www.clippinglgbt.com.br/bandeira-trans/>

<http://www.rescuinghealth.org/cause/transgender-health2/>

CEMIN, M. R. e col **TRANSEXUAIS E TRAVESTIS: GÊNERO, CENSURA E RESISTÊNCIA** Rio Grande do Sul, 2011.

LEITE, J. J. **TRAVESTIS BRASILEIRAS E EXOTISMO SEXUAL**, 2014

CEMIN, M. R. e col**TRANSEXUAIS E TRAVESTIS: GÊNERO, CENSURA E RESISTÊNCIA**Rio Grande do Sul, 2011.

SHIMURA, J. M. e col**TRAVESTIS E EDUCAÇÃO: A ESCOLA É PARA TODOS (AS)?**II Simpósio Internacional de Educação Sexual, Maringá, 2011.

CEMIN, M. R. e col**TRANSEXUAIS E TRAVESTIS: GÊNERO, CENSURA E RESISTÊNCIA**Rio Grande do Sul, 2011.

GRAÇA, D. L. L.; MARINHO, P. R. **DIGNIDADE TRANS: VISIBILIDADE E CIDADANIA CONTRA A VIOLÊNCIA SISTÊMICA** Defensoria Pública da União

FRANCO, N.; CICILLINI, G. A. **UNIVERSO TRANS E EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO UMA ÁREA DE CONHECIMENTO** Florianópolis, 2015.

FRANCO, N.; CICILLINI, G. A. **UNIVERSO TRANS E EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO UMA ÁREA DE CONHECIMENTO** Florianópolis, 2015.

AMARAL, T. C. **TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E MERCADO DE TRABALHO: MUITO ALÉM DA PROSTITUIÇÃO** Bahia, 2013.

7. APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA

TÍTULO

A) Alunos TRANS da UFERSA

1Gênero?

☐ masculino ☐ feminino ☐ outro

2Faixa etária?

☐ Menor de 18 anos ☐ Entre 18 e 25 anos ☐ Entre 26 e 35 anos
☐ Entre 36 e 45 anos ☐ Entre 46 e 60 anos ☐ Acima de 60 anos

3Qual o seu curso e em qual período se encontra?

4Você conhece alguma outra pessoa trans na UFERSA?

☐ sim ☐ não

5Você já sofreu algum tipo de preconceito na UFERSA?

☐ sim ☐ não

6Se a resposta da pergunta anterior for sim, com qual frequência?

☐ diariamente ☐ de vez em quando ☐ raramente

7Esse preconceito partiu de quem?

☐ colega ☐ técnico ☐ professor
☐ terceirizado ☐ outro

8Quais tipos de preconceito você já sofreu na universidade?

9Já pensou em desistir do ensino superior pelas dificuldades de ser trans?

☐ sim ☐ não

10Na sua opinião, ser trans influencia na saída dessas pessoas das instituições escolares? Comente.

B) Alunos CIS da UFERSA

1Gênero?

() masculino () feminino () outro

2Faixa etária?

() Menor de 18 anos () Entre 18 e 25 anos () Entre 26 e 35 anos
() Entre 36 e 45 anos () Entre 46 e 60 anos () Acima de 60 anos

3Você sabe a diferença entre sexo, sexualidade e identidade de gênero? Comente.

4Você sabe o que é uma pessoa trans? Comente.

5Para você existe algum problema em uma pessoa ser trans? Você acha errado? Comente.

6Você conhece alguma pessoa trans?

() sim () não

7No seu curso, você conhece alguma pessoa trans?

() sim () não

8Se a resposta anterior foi sim, quantas pessoas?

9O que vem a sua mente quando o assunto é travesti? Comente.

10Você acha que ser trans influencia na saída dessas pessoas das instituições escolares? Comente.

C) Pessoas TRANS fora da UFERSA

1 Gênero?

() masculino () feminino () outro

2Faixa etária?

() Menor de 18 anos () Entre 18 e 25 anos () Entre 26 e 35 anos
() Entre 36 e 45 anos () Entre 46 e 60 anos () Acima de 60 anos

3 Escolaridade

- | | | |
|---|---|-----------------------------------|
| ☐ fundamental incompleto | ☐ fundamental completo | ☐ médio |
| ☐ incompleto | ☐ médio completo | ☐ superior |
| ☐ incompleto | ☐ superior completo | ☐ sem |
| ☐ escolaridade | ☐ pós-graduação | |

4Qual atividade profissional desempenha?

5Deseja fazer faculdade?

- ☐ sim ☐ não

6Se a resposta anterior foi sim, especifique o curso desejado:

7Quais os principais desafios em ser uma pessoa trans?

8No seu entendimento ser trans influencia no abandono escolar, por essas pessoas?

- ☐ sim ☐ não

9Se a resposta anterior foi sim, esclareça:

10Você já sofreu algum tipo de preconceito?

11Se a resposta anterior foi sim, em quais estabelecimentos ocorreram?

- ☐ escolar ☐ familiar ☐ outro